

Cicatriz

EDUARDO GUIMARÃES



SUMÁRIO

O Corte, o Contínuo e o Simultâneo – <i>Carlos Vogt</i>	9
---	---

VESTÍGIOS

O gosto áspero na boca	17
Não é mais madrugada	19
E se ele se depara	21
O corte no braço	23
A mulher lhe veio aos braços	25
Ao beijar-lhe a boca	27
Na televisão massacres	29
Ao escrever aquele romance	31
Sua primeira história	33
As luzes da cidade	35
O espesso sentimento da morte	37
Seu rosto lhe chegou	39
Queria lhe dar um presente	41
O inesperado do espelho	43
Ao nascer não aprendeu	45

CORTE

Aprender	49
--------------------	----

O corte é o que faz	51
A cicatriz	53
O fino	55
A poesia	57
Libélula	59
A natureza	61
O ser	63
A mansidão	65
Se o corpo	67
Coagula	69
O ser é	71
A felicidade	73
A beleza	75
Dor	77
O nada é	79
Sufrimento	81
O que se sabe	83
O chip	85
Não há	87
O fim	89
Amar	91
w ou v	
Um pássaro canta	95
Sobre o Autor	99

O CORTE, O CONTÍNUO E O SIMULTÂNEO

Carlos Vogt

Cicatriz é o quarto livro de poemas de Eduardo Guimarães. Antes havia publicado *Trama no Tapete* (1984), *Cidade* (1990) e *Corpo* (1995), além de uma novela – *O Homem que Tinha Dentes Demais* (2007).

O livro *Cicatriz*, segundo depoimento do autor, reúne poemas escritos desde 1995 e é feito dos poemas que, presentes, nele estão reunidos, e de outros tantos que formam ausências, sentidas, contudo, no corte e na cicatriz de seus descartes.

Assim, encarte e descarte formam uma das tensões poéticas do livro de Eduardo Guimarães, ao lado da remissão e do corte entre os poemas e mesmo no interior de cada poema.

No arranjo final do livro, essas tensões aparecem como que numa narrativa, cuja sintaxe, pelo estranhamento das combinações, mais do que representar a dúvida, o caminho entrecortado que a produziu, apresenta o próprio poema “W ou V” como o modo da dúvida estampado na forma de sua anunciação.

Tudo é parcimonioso na opressão dos sentimentos que guiam o viajante da palavra no reino disfórico da projeção do acontecido na tela dos sentidos, em especial do tato:

O gosto áspero na boca
a indefinida memória
o ser hoje o que amanhã
se desfaz pelo tato
longínquo que se esquece
de si e de si (p. 17)

O tato, o contato, produzem o mesmo e o outro do mesmo, que vem a ser o outro mesmo. As coisas se repetem, mas são diversas, na repetição, por isso iguais na indiferença de ocorrerem como ocorrem na sua percepção:

Não é mais madrugada
e o corpo se converte
em luz em som em tato

matéria é também
incognoscível como
o ato o fato o gato (p. 19)

Na tv as imagens de benevolência de heróis da mídia produzem um estado misto de “benevolência” com o qual nos comprazemos, tristes, mas com o prazer da curiosidade congelado na forma de pergunta:

Na televisão massacres
Roubos e assassinatos
rípida benevolência
dos heróis da mídia

o olho estarecido
a lâmina que corta

a criança ao lado
e uma pergunta (p. 29)

Cicatriz é a pergunta que corre coagulada como a cena para sempre impressionante do filme *Um Cão Andaluz*, de Luis Buñel:

A cicatriz
no fundo do olho
é lágrima
é sangue
que corre
coagulado (p. 53)

A simultaneidade de partes do corpo sobrepostas no espelho – a orelha sobre o olho esquerdo – é também um desenho feito na infância e uma lembrança desarticuladora da memória, mas também um registro cubista da impossibilidade de reter o fato e do fato impossível de não sofrer por sua perda:

olhou pra si
e ao ver o duplo
da sua infância
esqueceu-se de ontem
abriu a porta pra sair (p. 43)

A morte à espreita é um aprendizado de vida: devagar, aos poucos, na experiência alheia, mas vizinha da dor, que mesmo ela se desfaz junto com a felicidade, na névoa seca do tempo. A morte, nos poemas deste livro, está presente, mas não se precipita. Apenas acontece, sem o aviso da despedida:

a morte na espreita
encontro distante
que não se precipita jamais (p. 46)

Por isso, o corte, que é descarte, dá sentido ao que escapa, na palavra, atinge as entranhas e faz do artifício da cesura do verso a expressão profunda da cisão do ser do poema:

A poesia
é a cesura (p. 57)

assim como

O ser é
o que não é
o não-em-si
a cicatriz
que veio
do choque (p. 71)

Mas a própria disforia, que pauta a viagem do poeta pelo presente das lembranças entrecortadas pelas revoltas da memória e da própria realidade que com ela se funde para cindi-la em dúvidas e perguntas, tem um contraponto, ela também, na forma única e enigmática do poema “Amar” (p. 91) que se insinua como título solitário entre todos os poemas, mas que é, ele próprio, um poema de si mesmo.

Por isso, se

O corte é o que faz
o sentido que
escapa (p. 51)

em contrapartida,

O amor é

O ponto preciso

A que nada escapa. (p. 96)